

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.: 875

Data: 03.09.84

Pg.: _____

População de Pau Brasil é incitada a expulsar pataxós

Do Sucursal de Brasília

Os fazendeiros de Pau Brasil, Sul da Bahia, estão desde ontem convocando a população da cidade para invadir a área da fazenda São Lucas onde vivem os pataxó há-hã-hã. O principal interessado em despejar os índios da área é Jenner Pereira Rocha, ex-proprietário da área, cujo título da terra foi contestado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Os pataxós estão na fazenda, com liminar de manutenção de posse expedida pelo juiz Lázaro Guimarães.

Num dramático telefonema para Brasília, na tarde de ontem, o antropólogo Ordep Serra fez um apelo às autoridades, alertando para o perigo de um enfrentamento entre índios e brancos. Disse ele que "se não houver intervenção do governo,

os pataxós serão chacinados". Os antropólogos da Anai (Associação Nacional de Apoio ao Índio), do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e até mesmo funcionários da Funai não têm condições de permanecer em Pau Brasil, pois estão sendo ameaçados de morte.

Até o momento, a Polícia Federal sediada em Ilhéus não tomou nenhuma providência para deter a população de Pau Brasil. Só hoje o delegado Guido pretende deslocar-se para a área.

O clima de tensão no Sul da Bahia cresceu depois da visita feita pelo deputado Mário Juruna (PDT-RJ), na quinta-feira, que levou aos pataxós proposta dos fazendeiros no sentido de transferir os índios para uma reserva do IBDF, onde já vivem cerca de dois mil posseiros.

Juruna, aliado dos fazendeiros

MEMÉLIA MOREIRA

Repórter do Sucursal de Brasília

Há cerca de um ano, o Brasil inteiro acompanhou a ameaça de cassação de mandato do deputado federal Mário Juruna (PDT-RJ), ex-cacique xavante da aldeia de Nomukura (MT). Ele quase perdeu o mandato porque, num discurso emocionado, com lágrimas nos olhos, classificou os ministros de Estado de "ladrões". O motivo da ira de Juruna naquele dia foram os índios pataxó há-hã-hã que haviam sido expulsos da Fazenda Providência durante uma operação policial violenta.

Um ano depois, acompanhado de três parlamentares baianos (Jorge Viana e Fernando Gomes, do PMDB, e França Teixeira, do PSD), e fazendeiros, Juruna visita os pataxós e lhes propõe transferência da área. Expulso pelos índios, Juruna retorna a Brasília e afirma que aquele grupo constituído de 900 pessoas que há 35 anos tentam recuperar suas terras arrendadas para fazendeiros e pequenos agricultores "não são índios, são cablocos. Não quero mais saber deles. Funai está gastando muito com eles, 30 milhões por mês". O mesmo argumento usado pelos fazendeiros para despejar os pataxó de suas terras.

Dólares

Quem leu ou assistiu sua entrevista pela televisão reagiu sem entender. "O que aconteceu com Juruna?", perguntam todos. Simples. Juruna não resistiu às ofertas, cada vez maiores, de dólares, presentes e favores dos fazendeiros e seus representantes. A primeira "tentação" (e há testemunhas dos fatos) ocorreu em julho, quando o deputado xavante foi convidado para participar da reunião da ONU sobre direitos das minorias, realizado em Genebra.

Na ocasião ele pediu ajuda financeira da Funai, cujos coíres estão a zero, e não foi atendido. Deu-se um jeitinho: aparece em cena o "comandante Carvalho", piloto e amigo do atual presidente da Funai, Jurandy Marcos da Fonseca. O comandante, graciosamente, presenteou Juruna com três mil dólares para a viagem. Na ocasião, o fazendeiro Jenner Pereira Rocha já era frequentador assíduo do gabinete de Juruna.

Em seguida, o deputado teve necessidade de ir a Barra do Garça. Exigiu um avião da Funai para trazê-lo de volta a Brasília. Não havia condições e novamente o comandante Carvalho entrou em ação.

Juruna volta de Barra do Garça de táxi-aéreo.

Na última quarta-feira de agosto, o deputado se reuniu em seu gabinete com o fazendeiros Jenner Pereira Rocha e o comandante Carvalho, expulsando da reunião seu principal assessor, Porfírio Carvalho, sertanista e espécie de "anjo da guarda" de Juruna. Horas depois, o deputado xavante embarca para Pau Brasil levando aos pataxós a proposta dos fazendeiros, terminantemente recusada pelos índios. Ferido em sua honra, ele levantou suspeita sobre a identidade indígena dos pataxós; agora, recebe o repúdio de todos os líderes indígenas que frequentam os ambientes políticos de Brasília. A União das Nações Indígenas (Unind) distribuiu nota lamentando o fato e exigindo "maior respeito e prudência quando alguém queira fazer a definição sobre as tribos indígenas, porque cabe a cada tribo, e somente a ela, fazer sua autodefinição de índio ou não", conforme reza a lei 6001, o Estatuto do Índio.

Decadência

O episódio dos pataxós pode ser o início da decadência de Juruna. Ele foi eleito deputado porque expressava as revoltas engasgadas nas gargantas de seus eleitores. Se muda de discurso, se perde a imagem, Juruna não se reelegerá, porque nenhum grupo econômico está disposto a financiar sua campanha, e ele, continuando nesse caminho, não terá muito a oferecer.

Voltar para a aldeia, Juruna não consegue, habituou-se à cidade. Sem qualificação profissional, não conseguirá emprego, e todas as pessoas engajadas na questão indígena começam a se preocupar com o futuro do cacique. Juruna repete hoje o que o chefe Totamka Yotamka (Touro Sentado) fez há 104 anos. De grande cacique dos hunk-papa, Totamka traiu seu povo aceitando a proposta do governo americano de cortar o território indígena com uma estrada de ferro. Foi renegado pela tribo e acabou seus dias no circo de Búfalo Bill, excursionando pela Europa.

Juruna não acredita nisso. Está cada dia mais envolvido pela glória, na certeza de que seu mandato é eterno. Os amigos o alertam para os riscos e ele responde que foi "eleito pelo povo". Mas em 1982, Juruna vinha de uma campanha vitoriosa contra o governo, na obtenção de seu passaporte para o Tribunal Russel. E agora ele se une aos fazendeiros.

Moreira Mariz - Out/83



Juruna assume o risco de comprometer sua própria imagem